REFLEXÕES E DISCUSSÕES SOBRE A FALTA DE INTERESSE DO ALUNO NO APRENDIZADO NA ESCOLA: SUAS CAUSAS E EFEITOS NO MUNDO GLOBALIZADO

MIRIAN DE MORAES CARDOSO PORTO

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de investigar as causas e o os efeitos quanto à falta de interesse em alunos na fase de alfabetização ao aprender a ler e escrever. Além disso, tem-se o objetivo de questionar se esse desinteresse confronta o interesse nato dos indivíduos que, por questões de sobrevivência e adaptação ao meio em que vivem, necessitam se comunicar. Propõe-se ainda abordar o fato de que ler, escrever e entender o mundo se torna cada dia mais necessário por questões da globalização. Centrou-se na pesquisa qualitativa e, com isso, espera-se que o objetivo principal seja atingido, que é auxiliar os professores a conseguirem alcançar a atenção e o interesse da maioria dos alunos em sala de aula.

Palavras-chave: Alfabetização, Interesse, Escola, Motivação.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the causes and effects of the lack of interest in students in the literacy phase when learning to read and write. In addition, the objective is to question whether this disinterest confronts the natural interest of individuals who, for reasons of survival and adaptation to the environment in which they live, need to communicate. It is also proposed to address the fact that reading, writing and understanding the world is increasingly necessary because of globalization. It focused on qualitative research and with that, it is expected that the main objective will be achieved, which is to help teachers achieve the attention and interest of the majority of students in the classroom.

Keywords: Literacy, Interest, Elementary School, Motivation.

INTRODUÇÃO

Diariamente em suas aulas, professores de todos os níveis educacionais se deparam com alunos que não demostram nenhum interesse na escola e no aprendizado. Alunos estes que não se concentram ou que se dispersam facilmente; outros que se retraem ficam calados, tímidos; e, outros ainda indisciplinados. Portanto, o que se observa é que a escola não tem sido interessante para eles.

Existem várias pesquisas que já tratam o assunto e já foram entrevistados tanto professores quanto alunos de todos os ciclos educacionais, para encontrar os motivos, debater as causas, e encontrar soluções para as consequências. No entanto, este trabalho pretende centrar-se nas séries iniciais do ensino fundamental; fase esta considerada alicerce e a estrutura educacional dos educandos.

De acordo com as teorias de Jean Piaget (apud Lima, 1980) a inteligência caminha para obter soluções cada vez mais lógicas, mais rápidas e mais eficientes. De acordo com Lima (1980, pg. 35), “o que faz o ensino ser inteligente não é o conteúdo, mas a maneira de ensinar”.

Partindo desse pressuposto, é preciso considerar o aluno como um todo, com sentimentos, emoções, e sua realidade de vida. Envolver o aluno no mundo do aprendizado para que ele sinta satisfação e alegria em cada descoberta, em cada novo aprendizado para que seja concretizado. Também precisa de incentivo e valorização. Cabe ao professor e também à escola essa tarefa de mediar o aprendizado e o aprendiz. Conhecer o aluno e se deixar ser conhecido. Entender as dificuldades e incentivar para que siga outros caminhos para novas descobertas.

Desta feita, há que se pensar em uma geração de alunos que está surgindo em meio às mídias sociais. Comunicações estas que podem ser envolventes pelas suas informações dinâmicas, mas que são saturadas de informações líquidas e rasas. Neste mérito, indaga-se como um professor alfabetizador no século XXI poderá conduzir o aluno que apresenta desinteresse na aprendizagem e, consequentemente, não se apropria do sistema de leitura e escrita.

É necessário se aprofundar nos questionamentos sobre os desafios e dificuldades que são apresentadas em sala de aula ao longo do ciclo de alfabetização, mesmo após a

utilização de diferentes métodos e modos de ensinar e orientar o aprendizado. É justamente com um olhar mais atento nesses indivíduos que consiste este trabalho. Fruto de observação e acompanhamento de alunos, para que em oportunidades vindouras professores e professoras possam vislumbrar um objetivo maior que é alcançar os que ficam para trás na aprendizagem e impulsioná-los para uma melhor compreensão e gosto pelo conhecimento.

Então, diante dessa problemática, uma parcela de alunos que não apresenta interesse e não supera obstáculos, se dispersa

rapidamente e parece não se concentrar na aula e consequentemente não avança nas hipóteses de escrita e de leitura, - mesmo não apresentando dificuldades intelectuais, físicas, motoras, etc. - ainda é um desafio para educadores.

Os estudos aqui abordados são pautados pelas pesquisas com professores, alunos e com especialistas através de leituras, para reflexão deste tema de importante relevância educacional e social. Tem ainda como objetivo principal, até para que o trabalho não tenha um fim em si mesmo, que a partir dos diagnósticos apresentados e das possíveis interferências que já foram realizadas e com resultados positivos, educadores possam discutir, refletir e aplicar as teorias apresentadas.

1. Por que os alunos não se interessam na sala de aula?

De acordo com o Dicionário Aurélio, o significado da palavra "interesse: (sm) 1. Lucro material ou pecuniário, ganho. 2. Parte ou participação que alguém tem nalguma coisa. 3. Vantagem, proveito; benefício. 4. Cobiça, avidez. 5. Zelo, simpatia ou curiosidade por alguém ou algo. 6. Empenho."

Desta feita, podemos destacar significados importantes da palavra "interesse" e encaixá-las na área educacional. Que o interesse está relacionado com a "participação" em alguma coisa, ou seja, o aluno precisa se sentir participante e desejar a "vantagem" e o "benefício" do aprendizado. Bem como o interesse está ligado à sua "curiosidade" e que o aluno necessita "empenhar-se" no aprendizado.

A comunicação global pode de certa forma interferir no interesse dos alunos na escola. Uma vez que na sala de aula o aprendizado pode ser lento e sua concretização demorada, os métodos mais comuns podem se tornar desinteressantes e maçantes para alguns alunos, que ficam cada vez mais agitados ou apáticos e abnegados. A escola tradicional já perdeu espaço na educação, com metodologias que fomentam a memorização e repetição, método esse, aos quais muitos educadores de hoje foram formados. Por outro lado, "[...] o construtivismo, também vem sendo questionado, por priorizar e responsabilizar o aluno por seu aprendizado. [...]". (MENDONÇA & KODAMA, 2016 p. 2463-2464).

Segundo as autoras Pezzini e Szymanski, a falta de interesse está ligada à falta de desejo. O texto destaca "[...] que os alunos precisam ser provocados e que sintam a necessidade de aprender e que percebam que o conhecimento lhe trará algo de útil, do contrário provoca o distanciamento entre o conteúdo e a realidade de suas vidas [...]". As autoras também apresentam como desinteressante para o aluno as políticas educacionais voltadas para a aprovação continuada. Sugerem ainda que se trabalhe a autonomia do aluno para despertar seu desejo de aprender, bem como a participação da família como diferencial no interesse escolar.

Um fato interessante no artigo, revelado em das entrevistas realizadas com os alunos, foi a demonstração clara de como a estrutura física e estrutural da escola, bem como os materiais disponíveis contribuem para o interesse dos alunos na aprendizagem. Eles disseram que aprendem mais com os professores mais carinhosos e que dão atendimento individual. E acrescentam que as aulas com passeio ou atividades extraclasse são as que mais têm a participação e atraem o interesse dos alunos.

Alguns relatos de que os professores mais bravos não são bem vistos pelos alunos e, consequentemente, não conquistam os alunos para a escola de um modo geral. Eles gostam de professores calmos e que controlam a bagunça das salas de aula, que tragam aulas diferenciadas e com apoio de computadores. (Pezzini e Skymanski)

De acordo com Tonche (2014, p. 5-6), "no que se refere à atividade escolar é necessário haver motivação, tanto por parte de quem ensina quanto de quem aprende; e que haja envolvimento do aluno nos estudos e o mesmo faça sentido para sua vida".

Destaca ainda que "para muitas pessoas o bom professor é aquele que sabe motivar seu aluno" (apud Fita, 1999, p. 77). A motivação precisa partir do professor, independente do aluno, mas envolvendo o aluno. A autora comenta "[...] que apesar de o ser humano nascer inclinado a aprender, necessita de estímulos para que a aprendizagem ocorra [...]".

Como complemento:

[...] Estudos feitos sobre o tema revelam que muitos fatores contribuem para o desinteresse dos alunos: como número excessivo de alunos nas salas de aula, falta de recursos pedagógicos ou tecnológicos que despertem o interesse dos alunos ou quando estes existem não são utilizados de forma correta pelo professor, fatores internos do aluno como problemas emocionais ou psicológicos, a desestrutura familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a dificuldade de absorção do conteúdo passado em sala de aula, conflitos com colegas, desentendimento com professores e também a repetência do ano letivo [...] (SILVA, 2012, p. 20).

1.1 Quanto aos motivos primordiais sobre o desinteresse dos educandos

Necessário é se levar em conta os fatores do desinteresse, mas ao alcance do professor, a princípio, está apenas o aluno desinteressado; muitas vezes sem a participação tão importante da família, sem os recursos

materiais e humanos suficientes, restando apenas sua própria motivação. Torna-se importante criar situações interessantes para que os alunos possam desenvolver sua criatividade em um ambiente desafiador.

A teoria de Piaget caracteriza-se pelo Construtivismo, de modo que a partir das atividades sensório-motoras a criança vai construindo seu aprendizado a partir de suas descobertas, para ele a inteligência é construir e inventar. Assim também ocorre com o aprendizado escolar, sendo necessário descobrir formas de resolver problemas e desafios. Aprender com erros e acertos, usar a borracha parece ser penoso, mas a satisfação de acertar traz o contentamento da descoberta, do "eu consigo".

[...] O ideal pedagógico é o equilíbrio sábio entre o operacional e o vivencial, entre o desenvolvimento e a vivência, entre a diacronia e a sincronia, em outras palavras, é procurar levar a criança a viver intensamente [...] (Lima, 1980 p. 35).

Porém, será que a escola oferece um ensino pautado na qualidade para que todos os alunos consigam alcançar e desenvolver suas habilidades linguísticas com aprendizagens significativas? E como estimular o interesse, o desejo e a motivação nos alunos na aprendizagem?

[...] O clima da sala de aula é influenciado pelo docente, que estimula e interage com o aluno, provocando o pensamento divergente. Segundo relatos de alunos do Ensino Fundamental (Fleith & Alencar, 2005), os elementos mais influenciadores no clima criativo na escola derivam das atitudes de apoio e encorajamento dos professores, despertando o interesse e a autonomia do aluno [...] (apud Wechsler e Souza, 2011, p. 20).

Seria ideal se todos os recursos materiais e humanos contribuíssem para que alunos e professores pudessem usufruir da aprendizagem com liberdade. De um lado, professores com formação continuada que propiciem aprendizado e didáticas que estimulem o lado criativo para resolução de problemas tanto pedagógicos quanto disciplinares. Trocas de experiências e saberes com seus pares, pesquisas e aplicações práticas de metodologias estimulantes.

De outro, alunos, mesmo os provenientes de classes menos favorecidas com pouco ou nenhum estímulo cultural, mas que possam desfrutar de saberes que valorizem seu conhecimento e modo de vida para um aprendizado motivador e que valorizem suas práticas e desenvolvimento.

2. Aplicação de pesquisa com os alunos e professores

Para a pesquisa acadêmica, a metodologia utilizada foi a qualitativa, como forma de tentar explicar o porquê e explorar o que precisa ser feito com relação ao tema abordado.

[...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...] (GERHARDT & SILVEIRA, 2009)

A partir das discussões propostas neste trabalho, parte-se para questionar os mais interessados na questão: os professores e alunos imbricados neste jogo de aprendizados mútuos com desafios constantes para crescimento e desenvolvimento das habilidades humanas diante dos desafios da vida que seguimos.

Reflexão constante dos saberes, como Paulo Freire tanto pregava e conclamava aos mestres para que [...] repensassem suas ações, que valorizassem os conhecimentos dos educandos com respeito e dedicação, que os deixassem ser ouvidos e que se permitisse deixar serem livres, críticos, participativos e principalmente atuantes [...] (Freire, 2009).

2.1 Resultados da pesquisa de campo aos professores

Assim sendo, foi preparado um questionário objetivo e direto, dirigido a professores e também para alunos do Ensino Fundamental. Foram utilizados meios digitais para preparação, divulgação, coleta de dados e resultados. Assim sendo, os entrevistados tiveram como obrigatoriedade registrar e-mail para fins de validação da pesquisa.

Foram questionados 66 professores de Ensino Fundamental que atuam em sua maioria em ciclos de alfabetização. Além disto, foram apresentadas cinco questões, sendo quatro de múltipla escolha e uma questão dissertativa: 24 professores responderam à pesquisa. Deste modo, as questões apresentadas foram as seguintes, juntamente com suas respostas:

Professor (a), em suas práticas em sala de aula, você costuma conviver com alunos que se mostram desinteressados ou pouco interessados no aprendizado? O resultado demonstrou que 79,2% dos entrevistados costumam conviver com alunos desinteressados ou pouco interessados na aprendizagem em sala de aula. 20,8% às vezes convivem e 0% nunca conviveu. Este resultado comprova que o tema é relevante e presente no ambiente escolar, tema este que já foi comprovado em estudos anteriores e citado neste artigo.

Onde considera que esteja à causa mais importante para tal falta de interesse e vontade de aprender? No próprio aluno, Na família e sua condição de vida, No desempenho do professor, Na estrutura escolar. 66,7% informaram que consideram que a causa do desinteresse está na família e na condição de vida do aluno. 16,7% afirmaram que a causa está no próprio aluno e 16,7% na estrutura escolar. Nenhum dos respondentes citou o desempenho do professor como causa da falta de interesse dos alunos no aprendizado. Porém, se observa que o problema para a maioria está fora dos muros da escola. Portanto, a estrutura escolar – que envolve espaço físico e materiais - não contempla atrativos para o aluno e não estimula seu interesse.

Se considerarmos que o desinteresse em estudar esteja somente no aluno, onde acredita que possa estar o motivo principal disto? Agitação e indisciplina, Timidez, Uso excessivo de Internet/jogos, Outros interesses fora do ambiente escolar. O resultado demonstrou que 16,7% acreditam que os motivos estão no uso excessivo de internet e jogos, 12,5% que na agitação indisciplina e a maioria 70,8% em interesses fora do ambiente escolar. Isso pode trazer a reflexão de que, se a escola está desinteressante, o interesse está fora do contexto escolar.

Como profissional de educação, o que considera mais importante fazer para alcançar esses alunos desinteressados? Procurar apoio/ajuda da família, Ajuda da escola, envolvendo coordenação e colegas. Mudar sua prática com aulas mais interessantes e desafiadoras. Eles responderam: 29,2% procurar apoio/ajuda da família, 16,7% ajuda da escola (coordenação e colegas) e 54,2% acreditam que se mudarem suas práticas com aulas mais interessantes e estimuladoras podem fazer com que o aluno possa se interessar pelo aprendizado. A participação e o apoio familiar, bem como o histórico cultural em que o aluno está inserido influenciam diretamente em seu interesse. Alunos em que a família é presente e participativa em sua vida escolar fica evidente seu desempenho, e do contrário também.

Cite uma situação em que foi possível alcançar o interesse de um aluno com essas características e qual a estratégia utilizada pelo profissional. A maioria dos professores entrevistados testemunhou que em alguns casos conseguiram alcançar os alunos e atingir os objetivos. Suas declarações demonstraram que se houver mudança de atitude e um olhar mais minucioso será possível reverter a situação de um aluno desinteressado para um aluno participativo e interessado no aprendizado.

Escreveram eles: “O aluno apresentava baixo rendimento na aquisição da escrita e leitura. Passou a desenvolver - se mais a partir do momento que passei a acompanhá-lo individualmente”. Neste relato ficou claro que, se o aluno adquire confiança e cria vínculos, pode despertar o interesse pelo aprendizado.

Aproximar-se, perceber e valorizar o interesse do aluno também é necessário, como uma professora relatou:

Tive um aluno extremamente desinteressado, no ensino fundamental. Percebi, ao me aproximar dele, que ali havia gravíssima baixa autoestima. Então, sutilmente, fui entendendo quais seriam seus interesses e aptidões naturais. O aluno era ótimo desenhista. Criei uma atividade na qual o desenho era parte fundamental do trabalho e desafiei toda a classe a fazer seu melhor, garantindo que não haveria julgamento de certo e errado nessa parte do processo, mas que seria apenas uma maneira diferente de despertar a criatividade de cada um. Então, para minha surpresa e satisfação, percebi nitidamente um empoderamento do aluno em questão. Não demorou muito para que ele se despertasse e sobressaísse, também, na redação e escrita. Esse avanço foi notado pelos demais professores da turma. Tenho certeza que contribuí para o desenvolvimento do aluno pelo simples motivo de ter acreditado em seu potencial. (Questionário de pesquisa do presente trabalho).

Em outros relatos ficou evidente que é essencial valorizar o conhecimento prévio do aluno, entender sua realidade social, dialogar, incentivar, passar confiança, respeito e também carinho ao aluno. Os professores respondentes afirmaram que precisam criar “aulas desafiadoras”, “atividades dinâmicas”, “aulas contextualizadas com o cotidiano do aluno”, “aulas mais descontraídas”, uso de mídias, computadores, etc., ou seja, diversificar suas práticas.

Nota-se que, na questão de número dois, os professores respondentes mencionaram não considerar o desempenho do professor como a causa mais importante para a falta de interesse e vontade de aprender do aluno. 66,7% consideraram a responsabilidade para a família e a sua condição de vida. 16,7% no aluno e 16,7% na estrutura escolar. Porém, eles declararam que quando mudaram suas práticas também houve mudanças nos desempenho dos alunos.

Pretende-se com esse trabalho, como o próprio título sugere que pratiquemos a reflexão e promovamos a discussão para tentarmos alcançar os que ficam para trás no aprendizado. Sabemos como declarado por professores respondentes, que é necessário o diálogo e apoio da família, bem como o envolvimento dos outros atores da escola e também que haja a não menos importante participação efetiva do aluno.

A utilização de computadores (e mídias digitais) também desperta o interesse dos alunos, como citou uma professora: “Si-

tuações envolvendo o uso da tecnologia, basta colocar um computador como ferramenta, para que o interesse mude totalmente, independente do conteúdo abordado".

A realidade de muitas escolas públicas em sua maioria não propicia a utilização de tais instrumentos de aprendizado e não podem competir com o mundo digitalizado, criando uma enorme dificuldade para que professores possam adequar suas práticas à modernidade e despertar o interesse dos alunos.

Porém no ciclo de alfabetização centralizador deste trabalho, ainda podemos lançar mão de atividades lúdicas e descontraídas, como relatou professora alfabetizadora de escola pública:

Reorganizei todo o meu planejamento, elaborando atividades mais lúdicas na área do movimento... adaptei algumas atividades para ele, organizei um agrupamento por proximidades e foquei em atividades do método fônico. O resultado foi uma grande surpresa, porém esperado. Ao final do ano letivo o aluno estava alfabetizado, sentia-se mais seguro e feliz. (Questionário de pesquisa do presente trabalho).

Percebe-se que com interesse também por parte dos professores podemos melhorar nossas práticas. Se o aluno se depara com um professor motivado e interessado no aprendizado também pode despertar seu próprio interesse.

2.2 Resultados da pesquisa de campo aos alunos

Por outro lado, foram entrevistados 28 alunos do Ensino Fundamental com idades entre 9 e 13 anos, também através de redes sociais. Foram apresentadas quatro questões dissertativas e uma de múltipla escolha: No total 7 alunos do Ensino Fundamental responderam à pesquisa e as respostas foram interessantes e reflexivas.

Numa escala de 0 a 10, qual o seu nível de aprendizado no período de aula? 3 alunos responderam com nível 7, outros 3 com nível 8, 1 com nível 8,5 e 2 com nível 10 de aprendizado.

Você conhece colegas que não se interessam nas aulas? Quantos (em média)? As respostas apontaram que em média os alunos conhecem pelo menos 8 colegas que não se interessam.

O que você acredita que pode causar isso? Marque a que você acha mais importante. No próprio aluno, na família e condição de vida, Nos professores, Na escola. Eles responderam: 88,9% no aluno, na família e na condição de vida, 11,1% na escola e 0% no professor. Observamos que eles também não colocam o professor como causa principal.

Como você acha que poderiam ser aulas para que os alunos possam gostar mais? Disseram eles: com "brincadeiras que ensinam", "com professores motivados", "aulas em ambientes diferentes', "divertidas, descontraídas"'. Evidenciando mais uma vez que as mudanças das metodologias podem fazer a diferença.

Cite uma aula que gostou muito e que nunca mais esqueceu e por quê? "Aula de informática porque eu aprendi a digitar", "História, porque eu aprendo mais sobre os tempos antigos, sobre meu país e também por que a professora que me deu aula de história interagia com os alunos", "... ela tratava a gente muito bem". Esses depoimentos nos levam a refletir, primeiro que não é mais opcional ao professor a utilização de um ambiente informatizado para se alcançar o interesse dos alunos, que a motivação, primeiramente, parte do professor através de sua interação e entusiasmo, e, portanto, a afetividade é parte muito importante do processo.

3. Valorização do conhecimento prévio do aluno

Como já mencionado, com esse trabalho, tem-se o objetivo de auxiliar professores em suas práticas educacionais e, em especial, atenção aos alunos desinteressados e que não avançam nos aprendizados. Situação essa tão frustrante para a maioria dos profissionais de educação e, talvez, a grande preocupação de educadores de um modo geral. Portanto, torna-se pertinente dar voz aos que se pronunciaram e nos atentando a algumas das alternativas sugeridas em suas colocações.

De acordo com Feijó e Delizoicov (2016, pg.600), "[...] conhecimentos prévios dos alunos provém das relações que ele estabelece ao longo da vida, conforme seu meio social e cultural, são constituídos por influência familiar, religiosa, política, econômica, intelectual [...]".

Importante se faz o diálogo individual na sala de aula, dar voz ao aluno para que se conheça e valorize o que ele já sabe. Os alunos trazem para a escola uma bagagem cultural por mais simples ou pouca que seja e somente ao se aproximar e interagir o professor poderá conhecer e se fazer conhecer aos educandos.

Criar vínculos de confiança e respeitos mútuos com o fim de se estabelecer um ambiente acolhedor no qual o aluno se tornará participante e atuante. Respeitar e valorizar a diversidade. Fazer combinados, estabelecer critérios, sempre no coletivo e com opiniões dos próprios alunos através de questionamentos, diálogos, vídeos, brincadeiras, etc.

3.2 Aulas diferenciadas

A elaboração de aulas desafiadoras, que provoquem a curiosidade do aluno e

despertem seu interesse no aprendizado. Considera-se planejar aulas mais dinâmicas e descontraídas com brincadeiras e atividades lúdicas.

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo. (Friedman, 1996, p. 41) apud SANTOS.

3.3 Uso de tecnologias em sala de aula

Como destaque, tanto para os professores, como para os alunos foi a necessidade de utilização das tecnologias em sala de aula. O espaço escolar, bem como toda a estrutura não interessa para alguns alunos, o seu interesse está fora. Alunos parecem considerar a escola como obrigação e desestimulante.

Seus interesses estão fora dos muros da escola, fora da sala de aula. A escola parece atrapalhar seus interesses. Portanto, pôde-se verificar que o interesse aparece para o mundo digital, para a universalização da comunicação, para as mídias sociais, videogames, celulares e tantos outros atrativos mais interessantes.

Professores e equipe escolar precisam criar meios de trazer computadores para as salas de aula, com salas de vídeo, de informática e porque não, o uso de tabletes e celulares para fins educacionais. Seus usos já não são mais opcionais, são obrigatórios. Professores necessitam se atualizar, se preparar e utilizar ferramentas tecnológicas para planejar e desenvolver as aulas. Segundo Pimentel (2018):

A informática na educação é amparada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), que realiza investimentos através de programas federais, que são responsáveis pela inclusão digital nas escolas. A partir disso, as escolas recebem computadores para a criação dos ambientes virtuais, conhecidos como laboratórios de Informática. Mas embora tenhamos iniciativas do Governo Federal, ainda são poucas as escolas que disponibilizam os recursos tecnológicos e informacionais em seus espaços educacionais. No entanto, não basta apenas equipar as escolas com laboratórios de informática. É necessário que as secretarias de educação invistam na formação continuada de professores, para que estes possam manusear o computador de forma correta, visando a busca de melhores resultados... a diferença do uso da tecnologia no contexto escolar será feita pelo professor, que poderá, através deste instrumento desenvolver aulas mais significativas e contextualizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fora abordado intensamente nesta pesquisa, vivemos em meio à globalização e toda a utilização da era digital. E, com ela, nos deparamos também na sala de aula mesmo sem os instrumentos necessários. Torna-se um desafio para os professores – principalmente, os que atuam na esfera pública – a se adequarem com formações continuadas e principalmente a utilização de recursos tecnológicos em suas aulas.

Desta feita, precisamos de diálogos para que sejam cada vez mais atuantes para esses meios. Nesta esfera, não se pode mais se pensar em aulas que sejam interessantes sem o apoio tecnológico. Portanto, ainda há muito que se fazer para que se possa vislumbrar uma educação pautada na modernidade tecnológica e tão presente no mundo contemporâneo.

Neste cenário, sugere-se que educadores preocupados com alunos com baixo rendimento e também com os que se desenvolvem bem, mas a rotina maçante da sala de aula parece desencorajá-los por não se sentirem estimulados.

Como pesquisadora e educadora, trago a união deste discurso aos que ainda acreditam em uma educação de qualidade, apesar de todas as dificuldades criadas também pelo Poder Público, e, mesmo com pouco recursos, possamos usufruir da capacidade humana para novos desafios, que seja para sobrevivência em um mundo cada vez mais competitivo ou até mesmo para a satisfação pessoal em aprender e superar desafios e problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEIJÓ N., DELIZOICOV N.C. - Professores da educação básica Conhecimento prévio e problematização Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 19, p. 597-610, jul./dez. 2016. Disponível em: http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/643/708. Acesso em: 01 fev. 2019.

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA, Minidicionário da Língua

Portuguesa, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1993.

FITA, E. C. O professor e a motivação dos alunos. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. A motivação em sala de aula: o que é como se faz. 7. Ed. São Paulo, Loyola, 2006.

FREIRE, PAULO – Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à Prática

Educativa. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2009.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil. São

Paulo: Moderna, 1996.

GERHARDT, T.E., SILVEIRA, D.T – Métodos de pesquisa – Série Educação à Distância - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1ª Edição, 2009.

LIMA, L.O. Piaget para iniciantes. São Paulo, Summus Editorial, 1980.

MENDONÇA E KODAMA – Revista Ibero Americana de Estudos em Educação, v

11, n.esp. 4, p. 2448 - 2464, 2016. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/viewFile/9202/6094-. Acesso em: 14 jan. 2019

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis:

Vozes, 2001.

PEZZINI e SZYMANSKI - Falta de desejo de Aprender – Causas e Consequências.

Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf.

Acesso em 29 jan.19.

PIMENTEL, L.A.S. A importância da informática no contexto educacional, 2018. Disponível em: http://www.partes.com.br/2018/06/14/a-importancia-da-informatica-nocontexto-educacional/. Acesso: 02 fev. 2019

SANTOS, E.A.C – O lúdico no processo ensino-aprendizagem - Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/elia.pdf. Acesso em: 02 fev. 2019

SILVA, Daniella Neves da. A Desmotivação do Professor em Sala de Aula, nas Escolas Públicas do Município de São José dos Campos - SP. 2012. 52 f. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal) – Educação à distância - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

TONCHE, JOSIANE CIPRIANO DA SILVA – O Desinteresse Dos Alunos das Séries Iniciais Do Ensino Fundamental Pela Educação Escolar: Causas e Possíveis

Intervenções (Curitiba 2014). Disponível em:

https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47110/R%20-%20E%20-

%20JOSIANE%20CIPRIANO%20DA%20SILVA%20TONCHE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 29 jan.19.

WESCHSLER, S.M.; SOUZA, V.L.T. Criatividade e aprendizagem. Edições Loyola, São Paulo, 2011.